

SER PARA OS OUTROS, EM BUSCA DA VOCAÇÃO!

Importância do itinerário vocacional.

Como o título desta reflexão já o sinaliza, hoje vamos tentar compreender e aprofundar o processo vocacional na perspectiva do “Ser para os outros” ... perspectiva diretamente inspirada dos capítulos 8 e 9 da “Cristo Vive” que será nossa referência de base.

Estes dois últimos capítulos da Exortação Apostólica do Papa Francisco são importantes e pedem para ser considerados numa dupla perspectiva. A primeira perspectiva é a importância que tem o tema do itinerário vocacional, do discernimento e das decisões em nossa própria caminhada vocacional. Ela continua exigindo de nós discernimento, qualquer que seja nossa idade e função, mesmo que já tenhamos tomado uma determinada opção de vida! Uma releitura do próprio itinerário vocacional é a base da reflexão de hoje. A segunda perspectiva é a da pessoa que na sua missão eclesial, acompanha jovens ou gente com juventude acumulada neste mesmo processo de caminhada e discernimento vocacional.

Acabo de usar a palavra processo... de fato a vocação não é algo estático que a gente tem, pode perder, reencontrar... É um modo de vivenciar toda nossa caminhada humana, à luz da fé. Vocação e missão não são apêndices do itinerário de vida. São partes essenciais da identidade profunda. Tanto no campo humano, como social e espiritual!

Portanto o primeiro passo é perguntar-se: Quem sou eu? Como me vejo, como os outros me veem, como Deus me acolhe e me vê?

Nesta perspectiva, o itinerário vocacional é um processo identitário que me define dentro da dinâmica de um diálogo com o outro, com os outros, com o grande Outro: escuto uma voz que me fala, que me chama, que me diz... e decido atender, procuro como responder a essa fala que me provoca, convoca, vocaciona! Os três verbos contem na sua raiz a palavra: voz.

Veja um momento-chave da vida de Jesus, o seu batismo: “Escutou uma voz que dizia: tu es meu filho bem amado, que muito me agrada!” Mt 3, 17. Assim como a de Jesus, toda identidade é relacional: na sua origem e no seu horizonte tem o outro, os outros!

É verdade no universo da psicologia humana, onde a relação com a mãe, depois com o pai, com os irmãos, os pares, enfim com amigos, amigas na adolescência marca as etapas do despertar da identidade. Portanto posso dizer que eu descubro quem eu sou dentro de uma rede de relações significativas. Isso é de grande importância na cultura de hoje que foca como critérios das opções de vida a felicidade pessoal, a realização, o sucesso, o dinheiro, o consumo, a fama...e arrisca prender a pessoa na armadilha de um individualismo doentio.

Porém não faltam teorias psicológicas para nos alertar, como por exemplo a logoterapia ou “terapia pela descoberta do sentido da vida”. Vale a reflexão do Vitor Frankl, seu fundador: Quem, no seu ideal de vida, busca meramente a felicidade, o sucesso pessoal... é fadado a nunca encontrar nenhum dos dois. Pois ser feliz, bem sucedido não são objetivos e sim efeitos colaterais de uma vida que se abre num projeto que inclui a preocupação com os outros, com as grandes causas da humanidade, com tudo que nos “transcende”, nos leva além do nosso eu.

Não é diferente quando a gente estuda as causas das emoções de alegria: elas não surgem unicamente e talvez nem principalmente da satisfação das nossas necessidades pessoais e sim do sair de si e do bem que se faz aos outros: “Há mais alegria em dar do que em receber”!

As experiências da pandemia vêm confirmar isso porque nos ajudam a perceber o que realmente importa na vida: as relações, o diálogo, a solidariedade, a escuta. E se... a máscara que tapa a minha boca e meu nariz, me lembrasse também o “dever” de escutar mais, falar menos, respirar com mais calma e a sorrir com os olhos? Seria uma grande contribuição vocacional!

Penso que um dos pontos-chaves do capítulo sobre vocação na “Cristo Vive” é entender que as grandes decisões que moldam minha identidade e caminhada de vida como decidir questões a respeito de formar família, escolher uma profissão, optar por uma vocação de especial consagração são todas relacionadas com um único centro de decisão: a relação de amizade com a pessoa de Jesus.

O diferencial da fé cristã está aqui: aquele que me chama, me pro-voca, me con-voca, me vocaciona é meu irmão e amigo Jesus e não um Senhor soberano e onipotente que me manda ordens e incumbências sem que eu tenha outra opção a não ser “obedecer”. A não ser que entendamos a obediência como um “ab-audire”: ouvir profundamente, auscultar o coração do outro!

É uma questão de sedução pela pessoa de Jesus que orienta minhas opções de vida: isso me ajuda a ter um foco quando estou discernindo minhas escolhas: um amigo caminha comigo, conversa comigo, me ajuda a me perceber, a discernir meus dons, mas também a desenvolver as habilidades que me fazem falta! Ele me envolve nos seus projetos de amor e compaixão pela humanidade... Ele mesmo se apresenta a mim como o menino indefeso do presépio, o jovem que ama os pobres e liberta os cativos, aquele que se faz pão para o povo quebrado, o Ressuscitado.

Gostaria de cavar esta dimensão retomando com vocês alguns momentos significativos da vida de Pedro, narrados nos evangelhos.

O primeiro momento é o chamado à beira do lago, que vem ressignificar sua vocação de pescador: “Venham comigo, a partir de hoje, farei de vocês pescadores de gente” Mt 4,19. Trata-se de quem Pedro é e pode vir a ser, andando na companhia de Jesus! Convite a ir além por causa do chamado de Jesus.

No momento da maturação desta fé de Pedro, acontece a grande reviravolta copernicana que também nos diz respeito e que encontramos em Mt 16, 13-20. Não se trata mais para Pedro de descobrir quem ele é, mas de cavar a pergunta de Jesus “Quem sou eu para ti?” Mesmo se a resposta de Pedro o confirma na sua própria identidade e missão: “Tu es Pedro e sobre esta Pedro edificarei a minha Igreja”, ela supõe uma mudança de foco, Jesus se torna o centro da vocação e da missão que já não é tanto o que Pedro faz, e sim quem ele se torna por causa de Jesus!

Dando sequência no evangelho de João, chegamos ao momento decisivo da consagração de Pedro, redimido das suas ratadas e fragilidades, que também são parte da descoberta de quem ele é sem Jesus! Quem ele pode ser com a amizade de Jesus! “Tu me amas de amizade? Então sim apascente minhas ovelhas!” Jo 21, 17.

Da para perceber claramente o fio de ouro desta vocação de Pedro: a amizade com Jesus que o abre lentamente e sempre mais para os outros! Fazer coisas para os outros, tentar agradar a eles não é suficiente para sustentar uma vida doada: O “Ser-para-os-outros” supõe uma entrada no mistério da amizade com Jesus que então nos dá o seu Espírito de pastor, de pescador, de mulher padeira ou

costureira...de pai ou de mãe...trata-se finalmente de achar nosso jeito pessoal de entrar no jeito de Jesus, o Cristo que vive para os outros!

Gostaria também de convida-los a fazer a leitura deste final da “Cristo Vive” à luz da pessoa de outro santo, S. José. Farei isso me inspirando na mais recente carta do Papa: “Patris Corde” dedicada a este grande santo que foi um homem simples, comum, sempre em segundo plano nos evangelhos.

Os grandes tópicos do discernimento vocacional citados no capítulo 9 da “Cristo Vive”: família, profissão, vida de especial consagração na missão, no amor-doação, nós os encontramos também na vida de José.

Qualquer imagem dele nos lembra que é esposo de Maria, pai adotivo de Jesus, carpinteiro de profissão. Mas algo menos evidente aparece na reflexão do Papa Francisco: o que constitui o foco do seu itinerário de vida e de cada um dos seus discernimentos e decisões: “O menino e sua mãe”, expressão que volta várias vezes nos evangelhos da infância segundo Mat. Mt 1,14...

Ao lado do discernimento e do sim de Maria e de certo modo sustentando este sim, está o consentimento e a acolhida de José! A nos lembrar que as opções de vida do cristão, tem como motivação fundante: o Menino e sua Mãe...

Critério luminoso que mais uma vez nos convida a reler nossa caminhada de discípulo, de discípula: nossas decisões e opções tem sido por causa do Menino e da sua Mãe? Dizendo isso não penso somente na devoção a Jesus e a Maria, mas de um modo bem mais amplo, em colocar Jesus encarnado no centro da nossa vocação e ser reflexo do rosto materno da Igreja, cuidando uns dos outros, e sobretudo dos mais fracos, dos mais frágeis, coloca-os no centro da comunidade... tendo neles nosso verdadeiro tesouro: porque hoje eles são ícones do Menino e da sua mãe!

Fazendo isso, minha vida vai começar a se pacificar, a se ordenar ... Posso trabalhar muito, muito mesmo, mas tenho um foco que me unifica, uma luz que me acompanha... um sentido que me mantém no essencial. Não serei mais uma pessoa agitada, ativista, dispersa... aprenderei a não perder a paz por pouca coisa e a ser resiliente e misericordiosa.

Hoje, esta atitude, este jeito de ser e de fazer que contemplamos em José é até retomado a nível de filosofia de vida e de gestão de empresa sob o nome de essencialismo: ser multitarefa, mas uni-foco, para organizar melhor as empresas, com motivação e liderança participativa, com espiritualidade e até momentos de meditação-interiorização... Pasmem se quiser, estes últimos dois pontos estão nas palestras e livros mais recentes sobre líderes para o futuro!

Realizada esta conversão em nossa própria vida, os critérios para o acompanhamento vocacional, a segunda perspectiva de leitura da qual falava no início, jorram como de uma fonte, de modo leve e natural. Poderei então ser muito mais sintética: em se tratando de acompanhamento vocacional, formativo ou espiritual, vamos precisar prestar bastante atenção aos pontos seguintes, bem lembrados pelo Papa.

- ♥ Necessidade de uma escuta ativa de qualidade: humana, espiritual e profissional.
- ♥ Respeito pelo processo pessoal do outro que com o Espírito santo, é o protagonista da sua vocação.
- ♥ Discrição e capacidade de desaparecer na hora certa, deixando o outro com o Amigo Jesus.
- ♥ Discernimento da graça e da tentação... Quais os sinais que me permitem dizer: isso vem do Espírito de Jesus?

- ♥ Insistência mais no acompanhar o processo do que na imposição de um percurso pré-fabricado. Isso é especialmente importante no acompanhamento formativo: trata-se de aprender valores com sabor de evangelho, muito mais do que internalizar regras que nunca são absolutas.
- ♥ Formação aos valores que determinam o jeito de Jesus que queremos que se torne o nosso jeito de ser para os outros!

Audição do canto: Proceder... (You tube) enquanto se juntam as perguntas e começa a interação.

“Jesus, ao contemplar tua vida
Me deixo interpelar pelo teu jeito de ser
Teu trato com as pessoas me fascina
Teu jeito de amar me faz amar
Teu toque é como água cristalina
Saciar minha sede e faz andar

Jesus, teu jeito seja o meu jeito
Eu quero ser bem mais do que já sou
Jesus, teu jeito seja o meu jeito
Ensina-me a ser tão bom

Jesus me faz sentir com teu sentimento
Pensar teu pensamento e agir com tua ação
Doar a minha vida pelo reino
Aceitar a dor e até a cruz
Amar a cada um como um amigo
Levar a todo povo tua luz

Jesus, eu quero ser compassivo com os que sofrem
Levar tua justiça confirmando minha fé
Que eu tenha uma perfeita harmonia
Entre a doutrina e o viver
Meus olhos sejam fonte de alegria
Assim como os teus puderam ser

Quisera conhecer-te assim como és
Tua imagem sobre mim é o que me transformará
Faz com que eu siga teu exemplo
De amor ao Pai e aos irmãos
Construa contigo o teu Reino
Ajude em nossa redenção.”

P Francys Adão, SJ.

Annette Havenne, ISM.